

Time Out

01-06-2011

Periodicidade: Semanal

Classe: Cultura/Lazer

Âmbito: Nacional

Tiragem: 20000

Temática: Cultura

Dimensão: 466

Imagem: S/Cor

Página (s): 44



**Kader Attia** O artista franco-argelino conseguiu captar ao mesmo tempo o movimento dos barcos e os meninos que sonham com eles

**Miguel Matos** propõe uma viagem à África contemporânea sem precisar de passaporte.

Prepare-se para ver África como poucas vezes se tem visto. A sede da Fundação Calouste Gulbenkian recebe "Fronteiras", uma grande exposição de fotografia africana que rompe com todas as ideias feitas acerca da arte vinda deste continente e surpreende pela pertinência e contemporaneidade. "Fronteiras" está integrada no programa "Próximo Futuro", que consiste numa série de mostras, *workshops* e debates. É uma enorme exposição com 160 fotografias e 16 vídeos de um conjunto de 53 artistas vindos de todas as partes de África. A mostra resulta dos Encontros de Fotografia de Bamako de 2009, no Mali, país também ele bem representado no

conjunto de obras. É "a maior exposição de fotografia africana alguma vez mostrada em Portugal", diz António Pinto Ribeiro, comissário do Programa Gulbenkian Próximo Futuro.

O conceito de "Fronteiras" alude àquilo que simultaneamente mais divide e caracteriza o continente africano. Por um lado, é um território cheio de povos diferentes e por vezes com culturas antagónicas. Por outro, a fronteira é o obstáculo que muitas vezes impede o acesso a uma vida melhor sonhada por tanta gente. Há ainda as fronteiras de género, que são abordadas em trabalhos sobre a homossexualidade e a mulher (ver mais detalhes na página 87), e há as fronteiras geográficas, que são evocadas num grande número de obras. Essas fronteiras estão não só entre África e os outros continentes, mas também entre os próprios

países africanos. A falta de condições de transporte e os problemas políticos fazem com que seja difícil a migração dentro do continente.

### 160 fotografias e 16 vídeos ocupam dois pisos da Gulbenkian

Um exemplo perfeito e paradigmático destas condições é a fotografia de Kader Attia (França-Argélia) que mostra dois meninos empoleirados sobre blocos de cimento à beira da água. Sobre estas plataformas, eles observam os navios que partem para França ou que de lá chegam. Também eles sonham embarcar num desses navios em direcção a um futuro diferente, mas a coisa não é assim tão fácil. Outro artista, Arnel Louzala, da República Democrática do Congo, retrata a

destruição do país e faz disso uma exploração visual, muito para além do simples registo documental.

Não se pode dizer que esta exposição é um postal ilustrado. Não se mostram paisagens turísticas. Também não se pode dizer que se trata de um retrato social puro e duro. É sim um conjunto de impressões e interpretações feitas por artistas que se relacionam com o seu país num contexto de actualidade em relação à arte contemporânea mundial. Só que são artistas africanos e isso, só por si, já diz muito e acarreta um passado marcado por colonialismos, um presente conturbado e expectativas acerca do futuro.

"Fronteiras" está patente na Fundação Gulbenkian (Av. de Berna, 45A) até 28 de Agosto. Aberta de terça a domingo, das 10.00 às 18.00. A entrada custa